



DEUTSCH
PORTUGIESSISCHER
JOURNALISMUS-PREIS
PRÉMIO DE JORNALISMO
LUSO-ALEMÃO

1.º lugar

Joana de Sousa Dias

"O legado de Angela Merkel na Alemanha"

Agência LUSA, 15 de janeiro 2021

Abordagem de Merkel "deixa marca" na UE e lugar "difícil de preencher"

15 janeiro, 2021 • Joana de Sousa Dias, correspondente na Alemanha

Angela Merkel, que abandona este ano a liderança do governo alemão, deixa "a sua marca" na União Europeia, acredita Katrin Boettger, diretora do Instituto para a Política Europeia (IEP), e um lugar "difícil de preencher" pelo sucessor.

Depois de mais de 15 anos no poder, a chanceler não avança para um quinto mandato, ficando a sua governação marcada por um pragmatismo que "contribuiu para muitos compromissos encontrados ao longo dos anos.

"Merkel tem contribuído para fortalecer o Conselho Europeu (...) Em todas as crises, económica e monetária, dos refugiados e a recente crise provocada pela pandemia de covid-19, o seu governo seguiu inicialmente um percurso nacional, antes do caminho mais europeu a longo prazo", sustentou à agência Lusa a diretora do "Institut für Europäische Politik", com sede em Berlim.

Boettger recorda a votação por maioria qualificada (QMV) sobre a quota de refugiados, em 2015, como uma das poucas medidas europeias que Merkel viu falhar a nível europeu.

"Devido à abordagem mais pragmática e menos visionária para a formulação de políticas, parece contraintuitivo falar de um 'legado europeu'. Como membro mais antigo do Conselho Europeu ela deixou a sua marca", sustentou, recordando as várias críticas de analistas e políticos de que foi alvo por não "revigorar" mais cedo a aliança franco-alemã e o processo de integração europeu.

"Pode justificar-se por dificuldades internas em manter a 'grande coligação' governamental, enquanto tanto a União Democrata-Cristã (CDU) como o Partido Social-Democrata alemão (SPD), procuravam novos líderes partidários", acrescentou.

Um dos assuntos que a chanceler não deixou cair, adiantou a diretora do IEP, foi a defesa da democracia e do Estado de Direito da União Europeia. No entanto, "muitos criticam a sua posição em relação à Polónia e à Hungria como sendo muito conciliatória".

Parece inquestionável que Angela Merkel vai deixar um lugar "difícil de preencher", com grandes responsabilidades, para o seu sucessor.

"Toda uma geração terá de se familiarizar com o facto de que esse cargo vai ser preenchido por um homem. Há uma forte possibilidade de que uma Alemanha pós-

merkel seja politicamente mais polarizada, o que também teria um efeito de desaceleração na tomada de decisões ao nível europeu", frisou.

No entanto, Katrin Boettger acredita ser muito difícil antecipar como será a UE sem Merkel, já que também é para já impossível prever quais serão os próximos desafios.

O novo líder da CDU, sucessor de Annegret Kramp-Karrenbauer, será escolhido durante o congresso do partido, que decorre hoje e sábado, depois de várias vezes adiado devido à pandemia de covid-19.

As eleições para a escolher um novo chanceler alemão estão marcadas para 26 de setembro.

Crise dos refugiados mostrou "humanidade" de Merkel, mas há muito a fazer

A família Alsakka deixou a Síria em 2015, e um negócio de mais de quatro décadas com dezenas de empregados, e abriu a primeira pastelaria em Berlim, na Alemanha, em 2016. Agora já tem três.

Em 2017, pouco antes das eleições que dariam a Angela Merkel um quarto e último mandato, Sulaiman Alsakka, filho de um dos três irmãos proprietários, agradecia a oportunidade de uma nova vida à chanceler.

Agora, o idioma que aprendeu no "youtube" já é quase nativo, estuda na universidade e ajuda na pastelaria, a "Damaskus", sem nunca esquecer o que ficou para trás. Uma história de sucesso, de uma família inteira que fugiu da guerra e encontrou refúgio na Europa.

"A chanceler atuou de duas maneiras distintas", refere Anelka Krizanovic, da Pro Asyl, a maior associação de defesa da imigração da Alemanha, "ela mostrou humanidade, no entanto, apoiou políticas que impedem o direito legal de acesso ao asilo na Europa".

Fundada em 1986, e com mais de 18 mil membros, a Pro Asyl receia que a Europa "caminhe para um futuro em que o direito de asilo seja permanentemente negado".

Em 2015, sob o mote "Wir schaffen das" (nós conseguimos), Angela Merkel permitiu a entrada na Alemanha de cerca de um milhão de refugiados provenientes principalmente da Síria, Afeganistão e Iraque.

"A abertura de portas em 2015 foi uma ação humanitária que provavelmente evitou uma catástrofe na Hungria, onde estavam dezenas de milhares de pessoas em busca de asilo e proteção", destacou Krizanovic à agência Lusa.

Mas a posição humanitária da chanceler, acrescenta, "esconde a percepção europeia de que Merkel contribuiu decisivamente para a política de encerramento da União Europeia (UE)".

"As negociações da UE com a Turquia começaram ainda em 2015, transformando a Turquia no porteiro da Europa. Merkel iniciou as negociações com Erdogan (Recep Tayyip, Presidente turco). O resultado foi o acordo UE-Turquia, no qual se fechou o Mar Egeu aos refugiados a partir de 2016, e todos os que chegam são levados para campos nas ilhas gregas, nas condições que todos conhecemos", lamenta, apontando o campo de Moria como um dos resultados deste acordo.

A abertura de portas, valeu a Merkel duras críticas internas, principalmente da ala mais conservadora da União Democrata Cristã (CDU), tal como deu espaço à extrema-direita e a partidos como a Alternativa para a Alemanha (AfD) de conquistarem os eleitores descontentes.

"Também na Alemanha, com a ajuda da grande coligação, a lei de asilo foi reforçada. O Pacote de Asilo II, que entrou em vigor em março de 2016, proíbe o reagrupamento familiar para os beneficiários de proteção subsidiada por dois anos. Para milhares de sírios, isso significa que não podem trazer os seus familiares que estão presos em campos à volta do país, ou na própria zona de guerra", explicou Anelka Krizanovic.

Essa restrição ainda está em vigor e, desde agosto de 2018, recorda esta responsável da Pro Asyl, "existe uma cota mensal que determina quem tem permissão para entrar na Alemanha. Milhares de famílias permanecem separadas há anos".

Em 2020, o número de refugiados a viver na Alemanha caiu pela primeira vez em nove anos, segundo números divulgados pelo Ministério do Interior, que no primeiro semestre do ano passado registou uma queda de 62.000 migrantes para um total de um milhão e 770 mil.

São mais os que conseguem encontrar emprego nos primeiros cinco anos, apesar de uma grande parte ser ainda trabalho precário, realizado mais por homens, que por mulheres.

"A política de refugiados alemã e europeia tem-se concentrado no isolamento e na discussão nos últimos anos. Vemos o direito de asilo em perigo, também por causa dos chamados Novos Pactos sobre Asilo e Migração, que estão em discussão em Bruxelas, e procuram limitar o acesso ao direito de asilo individual nas fronteiras externas europeias", Anelka Krizanovic.

A Pro Asyl lamenta que 2015, "ano em que muitas pessoas foram acolhidas na Alemanha e na Europa, dificilmente se volte a repetir".

Troika na Grécia são "águas passadas", Merkel vai "deixar saudades" na EU

Marina Typou deixou Thessaloniki, na Grécia, em 2017, rumo a uma nova vida de oportunidades profissionais, mas não esqueceu os duros anos de crise económica que já não associa à chanceler Angela Merkel.

"Lembro-me perfeitamente de quando tudo começou, eu estava no meu último ano da escola secundária e, por causa da crise económica, eu só podia escolher universidades na minha cidade porque os meus pais não sabiam se teriam dinheiro para me ajudar a pagar os custos", recorda à agência Lusa a assistente médica num laboratório de diagnóstico de medicina molecular, em Berlim.

"Ao escolher o que queria estudar também pesava o facto de que a maioria das profissões não teriam futuro, apenas uma carreira militar ou na polícia. Não escolhi nenhuma dessas vias", confessa à Lusa.

A Grécia saiu formalmente do programa de austeridade a 20 de agosto de 2018, o terceiro desde 2010, mas a crise não deixou o país.

"As pessoas já não pensam muito em como tudo começou, penso eu, de certa forma acomodaram-se a viver com pouco. Se encontrarem um trabalho a receber 800 euros ficam contentes, se forem mil euros ficam mesmo muito contentes. O problema agora são as rendas", admite.

A origem da crise da dívida soberana europeia pode justificar-se com erros da banca, dos mercados e da própria atuação dos governos, com um agravamento provocado pela falência do banco Lehman Brothers, em 2008, nos Estados Unidos.

Seguiu-se uma crise da dívida pública e o conhecimento de que, nos primeiros meses de 2010, os governos gregos dos últimos anos tinham manipulado as suas contas, escondendo a verdadeira situação.

Em 2010, a 'troika', formada pelo Fundo Monetário Internacional (FMI), o Banco Central Europeu (BCE) e a Comissão Europeia discutiam as condições de um primeiro empréstimo à Grécia. A Alemanha e a chanceler Angela Merkel foram a cara da austeridade que se seguiria.

"Lembro-me que a maioria dos gregos odiava o ministro [das Finanças] Wolfgang Schäuble. Quanto à Merkel, não odiávamos, mas também não gostávamos. Agora as pessoas estão mais centradas nos conflitos com a Turquia e com o senhor [Presidente da Turquia, Recep] Erdogan, e acham que Angela Merkel está a ajudá-los e que ela não gosta da Grécia. O problema agora já não é a crise económica", admite Marina Typou.

O diretor de economia internacional e perspectivas económicas do Instituto Económico Alemão (IW), Jürgen Matthes, admite que, em relação à crise da dívida do euro, "novos mecanismos de resgate foram estabelecidos", mesmo "apesar das críticas muito duras de importantes liberais e conservadores de direita na Alemanha".

"Considerando as diferenças de interesses entre o Norte e o Sul nesta questão, Merkel orientou-se por um caminho intermédio, sempre vinculando acertadamente a ajuda com incentivos para melhorar as deficiências que contribuíram para as crises, e tendo o cuidado necessário para evitar o risco moral", destacou à agência Lusa.

Maria Typou não tem dúvidas, "as pessoas vão sentir a falta dela".

"A maior parte das pessoas respeita-a, mesmo que não goste dela. Por isso sim, acho que a Europa vai ter saudades dela. Não sei quem virá no seu lugar, vamos ver", acrescenta.

O economista Jürgen Matthes lamenta que, por vezes, "sociedades e políticos como Merkel tenham de pagar um preço alto por decisões muito boas e difíceis", dando o exemplo de 2015.

"Na crise dos refugiados, ela decidiu com o coração e altos padrões éticos sobre um assunto muito controverso. Essa decisão foi certa do ponto de vista moral, mas levou ao aparecimento e estabelecimento do partido de extrema-direita Alternativa para a Alemanha (AfD)", lembrou.

Este ano é o último de Angela Merkel como chanceler da Alemanha, depois de quatro mandatos à frente do governo. As eleições legislativas estão marcadas para 26 de setembro.

Merkel, a chanceler em aprendizagem que mudou o tom dos media alemães

Respeito aparece em negrito nas relações entre os 'media' e Angela Merkel, sublinha o jornalista alemão Marco Bertolaso, mesmo que não exista amor, ou simpatia pela chanceler que até conseguiu mudar o tom do jornalismo.

O chefe de redação da rádio nacional alemã Deutschlandfunk acredita que a história "vai ser generosa com Angela Merkel", não duvidando que os meios de comunicação venham a ter saudades.

"Merkel contribuiu para uma mudança na cabeça de muitos jornalistas alemães. Observar, durante vários anos, que esta mulher não é apenas capaz de fazer este duro trabalho, como de o fazer ainda melhor que os homens, faz diferença (...) O clima, o tom nos media mudou muito, e penso que Merkel, apesar de não ser um modelo da causa feminista, fez muito por isto", revelou em declarações à agência Lusa.

Para Martin Kessler, editor de política do jornal Rheinische Post, "houve, e há, uma relação especial entre Angela Merkel e os meios de comunicação social".

"Ela defende a liberdade de expressão e um regime democrático pleno. Sempre aceitou bem as críticas à sua governação, sem represálias ou sem se sentir melindrada", apontou à lusa.

Bertolaso associa a valorização da liberdade com o nascimento e crescimento de Merkel na antiga Alemanha de Leste, dominada pelo regime comunista.

"As pessoas que, como ela, viveram numa ditadura, sabem valorizar a liberdade. Ela respeita o papel dos media. Se os jornalistas perguntam coisas idiotas, ela perde um pouco a paciência e dá a entender isso, mas reconhece o papel dos meios de comunicação social", explica.

Merkel, que termina o seu quarto mandato e abandona a política este ano, começou por ter uma presença tímida, humilde e qualificada de "pouco feminina". A campanha para a sua primeira eleição à frente do governo alemão, em 2005, acabou por mudá-la.

Marco Bertolaso e Martin Kessler realçam a "capacidade contínua de aprendizagem" que algumas pessoas associam a uma característica dos cientistas.

O editor de política do Rheinische Post junta-lhe a inteligência, o sentido de humor, e uma forma correta de comunicar com os jornalistas, baseada em respeito.

"Eles tinham já um certo respeito por ela porque foi a responsável pela separação entre Helmut Kohl (antigo chanceler) e a CDU. Ele era o gigante, o 'velho cavalo de guerra', pai da Unidade, pai da Europa, mas tinha vários problemas associados ao desvio de fundos. Ela escreveu no jornal Frankfurter Allgemeine Zeitung um artigo de opinião, demarcando-se do 'pai'. Um ato visto como muito corajoso e um sinal de que ela tinha um sentido de poder, clarificando a situação no seu partido no momento certo", destacou o jornalista da Deutschlandfunk.

"A grande vantagem foi entrar depois de Gerhard Schröder (chanceler que a precedeu) um líder que, apesar de ter muitos admiradores, era muito duro, politicamente incorreto, falava muito e, por vezes, sem muita coerência. Não ser Schröder era um ponto muito forte para os 'media'. Tinham uma pessoa na chancelaria que apresentava os fatos, que pensava, que explicava os argumentos de uma forma calma. Isto foi a lua-de-mel entre os 'media' e Angela Merkel", acrescentou.

A chanceler, que, em 2013, transformou um gesto com as mãos, o "diamante de Merkel", num símbolo de harmonia, estabilidade e poder, "sempre soube bem o cargo que ocupava", deixando-se raramente apanhar "desprevenida", admite Kessler.

"Eram criados grupos de jornalistas que ela ia informando individualmente, por exemplo, nas deslocações ao exterior. Mas mesmo nesses contactos, que até podiam parecer mais privados, ela sabia sempre o que dizer, nunca havia o verdadeiro fator surpresa", frisou.

Mantendo sempre um equilíbrio entre próxima e à distância, pouco se sabe da vida privada de Merkel. O que se conhece, é porque ela assim o quer.

A "terminator" ou a "nazi", como apareceu refletida em algumas publicações internacionais durante a crise económica de 2008, é também a "Mutti" que muitos alemães não querem ver partir.

Um estudo do Instituto revelado no passado fim de semana indica que 72% dos inquiridos está satisfeito ou muito satisfeito com a governação de Angela Merkel.

As eleições para escolher um novo chanceler estão marcadas para o dia 26 de setembro.